

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE
LEIRIA

PRÁTICA PEDAGÓGICA IV

71.13
81

De 10 a 28 de
Outubro de 1988

3

D 371.13/481
88-11-22

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA



Estante:	34
Prateleira:	3
Número:	4228

BIBLIOTECA
Escola Superior de Educação
LEIRIA

PRÁTICA PEDAGÓGICA IV

De 10 a 28 de
Outubro de 1988

371.13

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

I N D Í C E

I - OBJECTIVOS	Pág. 1
II - ELEMENTOS GERAIS	2
III - CALENDÁRIO	4
IV - DESENVOLVIMENTO	5
. Preparação	5
. Planificação	5
. Observação/Actuação	5
. Reflexão/Avaliação	6
V - AVALIAÇÃO/CLASSIFICAÇÃO	7
1.- Elementos	7
2.- Intervenientes	7
3.- Responsáveis pela Classificação	7
4.- Parâmetros de Avaliação	7
5.- Classificação	7
VI - FUNÇÕES DOS INTERVENIENTES	9
1.- Aluno	9
2.- Professor/Educador Cooperante	9
3.- Professor da Formação Inicial Responsável pela PP IV	9
4.- Grupo Responsável pela PP IV	10
VII - CONSIDERAÇÕES GERAIS	11
1.- Em relação aos alunos	11
2.- Em relação aos Professores/Educadores Cooperantes	11
3.- Em relação aos Professores da ESEL	11

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

A N E X O S

ANEXO 1 - (Intervenientes e Instituições Escolares).....	Pág 13
. Grupo Responsável pela PP IV	14
. Outros Professores da F.I. Responsáveis pela PP IV..	15
. Professores do Ensino Primário Cooperantes Respon- sáveis pela PP IV	16
. Educadoras de Infância Cooperantes Responsáveis pela PP IV	17
. Escolas do Ensino Primário	18
. Jardins de Infância	19
. Alunos e Instituições Escolares	20
ANEXO 2 - (Lista de Material)	24
. Materiais	25
ANEXO 3 - (Reflexão Final)	26
. Parâmetros para a Reflexão Final	27
ANEXO 4 - (Reflexão Escrita)	28
. Reflexão Escrita	29
ANEXO 5 - (Reflexão Diária)	32
. Parâmetros para a Reflexão Diária	33
ANEXO 6 - (Pautas)	34
. Pauta para professor/educador cooperante	35
. Pauta para professor da ESEL	36
ANEXO 7 - (Opinião Escrita - Relatório-Tipo)	37
. Relatório - Tipo (professor/educador cooperante)....	38

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA – ESEL

ANEXO 8 - (Sessões de Formação)	Pág 41
. Sessões de Formação para Prof/Educ. Cooperantes	42
. Seminário (Actividades de Observação na Escola)....	44
. Seminário (Concepção de Planos no Jardim de Infância)	45
. Seminário (Organização Pedagógica)	46
. Seminário (Situações Interdisciplinares)	47
ANEXO 9 - (Parâmetros de Avaliação)	51
. Plano	52
. Observação/Actuação	52
. Reflexão/Avaliação	53
. Comunicação Escrita	53
ANEXO 10 - (Calendário das Actividades)	55
. Preparação	56
. Planificação	59
. Observação/Actuação	63
. Reflexão	64
ANEXO 11 - (Seminários para Alunos)	67
. Seminário (Actividade de Observação na Escola)	68
ANEXO 12 - (Documentos variados que fazem parte do Processo da PP IV)	69
. Equipas de Professores de apoio à PP IV	70
. Responsáveis pela avaliação/classificação	71
. Registo de presenças	73

I

OBJECTIVOS

1. Observar o relacionamento da criança com os diferentes elementos da comunidade escolar, em situações diversificadas.
2. Observar os comportamentos da criança nas várias situações de ensino-aprendizagem.
3. Integrar-se no projecto pedagógico da Escola/Jardim de Infância onde decorrerá a observação/actuação e no projecto pedagógico do professor/educador cooperante.
4. Elaborar, em equipa, o projecto de intervenção para os dias de observação/actuação.
5. Actuar/intervir no âmbito do projecto elaborado, em colaboração com professor cooperante, na procura de uma crescente autonomia.
6. Analisar os diferentes momentos da P.P.IV.

II

ELEMENTOS GERAIS

1. TEMPO : - a Prática Pedagógica IV (adiante designada por PP IV) terá a duração de 3 semanas, de 10 a 28 de Outubro de 1988, e a carga horária total de 70 horas.
2. MOMENTOS: a PP IV terá os seguintes momentos:
 - . Preparação,
 - . Planificação,
 - . Observação/Actuação,
 - . Reflexão/Avaliação.
3. LOCAIS: a preparação e a planificação global decorrerão na ESEL,
 - . a observação/actuação decorrerá em Jardins de Infância e Escolas do Ensino Primário do Distrito de Leiria, (anexo 1)
 - . a reflexão/avaliação decorrerá nos Jardins de Infância de Infância e escolas do Ensino Primário e na ESEL.
4. INTERVENIENTES:
 - . 59 alunos do semestre V dos Cursos de Formação de Educadores de de Infância, de Professores do Ensino Primário e de Professores do Ensino Básico, divididos em 29 grupos, 28 de 2 elementos e 1 de 3 elementos. (anexo 1)
 - . grupo responsável pela PP IV, (anexo 1)
 - . outros professores da Formação Inicial responsáveis pela PP IV, (anexo 1)
 - . grupo de professores/educadores cooperantes responsáveis pela PP IV.
5. MATERIAL: será posto à disposição dos alunos material de recurso . (anexo 2)

6. REUNIÕES:

- . no dia 20 de Julho de 1988 entre o grupo responsável pela PP IV e os outros professores da Formação Inicial responsáveis pela mesma prática;
- . no dia 12 de Setembro de 1988 entre os professores da ESEL intervenientes na PP IV e os professores/educadores cooperantes responsáveis por esta prática.

7. SESSÕES DE FORMAÇÃO: nos dias 12 e 16 de Setembro de 1988 entre professores da ESEL intervenientes na PP IV e os professores/educadores cooperantes. (anexo 8)

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

III

CALENDÁRIO

PREPARAÇÃO	PLANIFICAÇÃO	OBSERVAÇÃO/ACTUAÇÃO	REFLEXÃO/AVALIAÇÃO
Seg. - 10/10	Qui - 13/10	Seg - 17/10	Qui - 27/10
Ter - 11/10	Sex - 14/10	Ter - 18/10	Sex - 28/10
Qua - 12/10		Qua - 19/10	
		Qui - 20/10	
		Sex - 21/10	
		Seg - 24/10	
		Ter - 25/10	
		Qua - 26/10	
HORAS	HORAS	HORAS	HORAS
Totais - 18	Totais - 6	Totais - 40	Totais - 6
Diárias - 6	Diárias - 3	Diárias - 5	Diárias - 3
Manhã - 9H-12H	Manhã - 8.30-11.30	Horário da	Manhã - 8.30 - 11.30
Tarde - 14H-17H	Tarde: 15H-19H	Instituição Escolar	Tarde: 15H-19H
	E.Prim.		E.Prim.
	a)		a)
	Educadoras - 16.30 19.30		Educadoras - 16.30 19.30

a) A desenvolver neste período de tempo, nunca ultrapassando a 3 horas.

I V

D E S E N V O L V I M E N T O

1. PREPARAÇÃO : constará de sessões que versarão os seguintes aspectos:

1.1. - " Análise do Plano da PP IV "

Orientadores: grupo responsável pela PP IV

1.2. - " Actividades de observação na escola "

Orientadores: João Marques e Antónia Barreto

1.3. - " Concepção de planos de aula "

Orientadores: . António Franco, Julieta Crispim,
Ana Gil

. Isabel Kowalski, Regina Gago

1.4. " Situações interdisciplinares "

Orientadores: Professores da ESEL intervenientes na
PP IV

2. PLANIFICAÇÃO:

2.1. - Dia 13 o professor/educador cooperante dará a conhecer ao grupo de alunos o seu projecto pedagógico desde o início do ano lectivo até ao dia 14 de Outubro.

2.2. - Dia 14 a equipa elaborará um plano global de intervenção referente aos dias de observação/actuação dos alunos da ESEL.

2.3. - Diariamente a equipa elaborará o seu plano de observação/actuação.

2.4. - ~~Serão~~ ainda intervenientes, em todaa planificação, professores da ESEL.

3. OBSERVAÇÃO/ACTUAÇÃO

3.1. - A observação recairá sobre aspectos relativos ao contexto em que a criança se insere tendo em conta a formação já adquirida.

3.2. - A actuação procurará concretizar as propostas da planificação.

3.3. - O acompanhamento dos grupos em observação/actuação nas Escolas do Ensino Primário/Jardins de Infância será feito:

- . pelos professores/educadores cooperantes,
- . pelos professores da ESEL intervenientes na PP IV

4. - REFLEXÃO/AVALIAÇÃO

- 4.1. - Diariamente, a equipa, após a actuação, reflectirá sobre o trabalho realizado com vista a auxiliar os alunos na planificação posterior. Serão ainda intervenientes nesta reflexão os professores da ESEL que tenham acompanhado a observação/actuação.
- 4.2. - No dia 27 de Outubro a equipa reunirá, na ESEL, com o objectivo de reflectir globalmente o trabalho realizado tendo em vista a avaliação, segundo parâmetros orientadores. (anexo 3)
Serão ainda intervenientes os elementos do ponto 4.1.
- 4.3. - No dia 28 de Outubro, cada grupo apresentará em reunião de turma, na ESEL, um facto decorrente da observação/actuação fundamentando-a numa perspectiva psicológica e pedagógica.
Este facto será seleccionado anteriormente e poderá ter como suporte, material que o apoie e documente:
- . textos (policopiados, projectados, etc.),
 - . fotografias,
 - . dispositivos,
 - . acetatos,
 - . trabalhos das crianças

Cada turma será constituída por grupos de alunos cuja observação/actuação decorreu no mesmo grau de ensino.

Estas reuniões terão ainda a participação dos professores/educadores cooperantes e dos professores da ESEL intervenientes na PP IV.

- 4.4. - Cada grupo fará uma comunicação escrita que incidirá sobre a observação/actuação efectuada na instituição escolar e contemplará os seguintes pontos:
- . descrição das condições de contexto geral que foram consideradas relevantes para a prática,
 - . análise das intervenções (anexando planos diários e outros elementos),
 - . análise das situações observadas (anexando elementos),
 - . auto-correcção proposta de uma parte da intervenção com as respectivas justificações,
 - . reflexão individual segundo parâmetros orientadores (anexo 4)

AVALIAÇÃO / CLASSIFICAÇÃO

1. ELEMENTOS

- . planos diários,
- . actuação,
- . reflexão,
- . comunicação escrita.

2. INTERVENIENTES

- . alunos,
- . professores da ESEL intervenientes na PP IV,
- . professores/educadores cooperantes.

3. RESPONSÁVEIS PELA CLASSIFICAÇÃO

- . professores da ESEL intervenientes na PP IV,
- . professor/educador cooperante.

4. PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO (anexo 9)

5. CLASSIFICAÇÃO

Cada elemento será classificado numa escala de 1 a 5.

Intervenientes :

- . plano - professores da ESEL
- . actuação - professores da ESEL e professores/educadores cooperantes,
- . reflexão - professores da ESEL e professores/educadores cooperantes,
- . comunicação escrita - professores da ESEL.

A classificação final será obtida através da média aritmética, arredondada à unidade mais próxima, a qual resultará das classificações atribuídas a cada um dos elementos de avaliação.

Esta classificação será transformada numa outra escala com a seguinte correspondência:

- 1 - Mau
- 2 - Insuficiente
- 3 - Suficiente
- 4 - Bom
- 5 - Muito Bom

NOTA: As classificações atribuídas ao plano e à comunicação escrita são comuns ao grupo.

As classificações da observação/actuação e reflexão serão atribuídas a cada um dos alunos que constituem o grupo.

FUNÇÕES DOS INTERVENIENTES

1. - ALUNO

- 1.1. Participará com os outros elementos da equipa na elaboração do plano da intervenção quer global, quer diário.
- 1.2. Será responsável pela sua observação/actuação.
- 1.3. Participará na reflexão em equipa, quer na diária, quer na final (segundo parâmetros orientadores). (anexos)
- 1.4. Fará uma reflexão escrita individual (segundo parâmetros orientadores).
- 1.5. Participará com o outro elemento do grupo na elaboração da comunicação escrita, de acordo com os itens fornecidos.

2. - PROFESSOR/EDUCADOR COOPERANTE

- 2.1. Facultará ao grupo de alunos estagiários o projecto pedagógico da sua Escola/Jardim de Infância e o seu projecto pedagógico.
- 2.2. Participará com os outros elementos da equipa na elaboração do plano de intervenção quer global, quer diário.
- 2.3. Assumirá orientar as actividades para as quais os alunos estagiários não estejam preparados.
- 2.4. Intervirá, quando o julgar estritamente necessário, nas actividades orientadas pelos alunos estagiários.
- 2.5. Facilitará aos alunos a participação em todas as actividades de relacionamento com a comunidade.
- 2.6. Participará na reflexão em equipa, quer na diária, quer na final (segundo parâmetros orientadores).
- 2.7. Classificará os alunos estagiários (segundo parâmetros orientadores):
 - . na actuação,
 - . na reflexão.

3. - PROFESSOR DA FORMAÇÃO INICIAL RESPONSÁVEL PELA PP IV

- 3.1. Orientará os professores/educadores cooperantes em seminários.
- 3.2. Orientará os alunos estagiários em seminários.

- 3.3. Orientará os alunos dos grupos que lhe forem distribuídos na planificação.
- 3.4. Estará disponível para atender as solicitações dos outros alunos dentro da sua especialidade no âmbito da planificação.
- 3.5. Acompanhará os alunos durante a actuação.
- 3.6. Participará na reflexão quer diária, quer final (segundo parâmetros orientadores)
- 3.7. Classificará os alunos estagiários (segundo parâmetros orientadores).
 - . no plano,
 - . na actuação,
 - . na reflexão,
 - . na comunicação escrita.

4. GRUPO RESPONSÁVEL PELA PP IV

- 4.1. Competirá ao grupo todas as funções definidas no ponto 3.
- 4.2. Coordenará institucionalmente todo o processo .
- 4.3. Realizará a reunião final de avaliação/classificação providenciando:
 - . a conversão do valor obtido na escala inicial (1 a 5) na outra escala considerada,
 - . o preenchimento dos termos e pautas a afixar.

V I I

CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.- EM RELAÇÃO AOS ALUNOS

- 1.1. - Deverão identificar no plano e na comunicação escrita:
 - . escola,
 - . professor / educador cooperante,
 - . grupo (nome completo de cada elemento, curso e número do grupo).
- 1.2. - Entregarão o plano global de intervenção e uma cópia do mesmo, ao grupo responsável pela PP IV, até às 18H00 do dia 17 de Outubro.
- 1.3. - Entregarão outra cópia do plano ao professor/educador cooperante.
- 1.4. - Deverão ter, na sala de aula, à disposição dos professores que observam a actuação/intervenção, o plano diário.
- 1.5. - Entregarão a comunicação escrita ao grupo responsável pela PP IV, até às 12H00 do dia 4 de Novembro.
Esta comunicação não deverá ultrapassar 10 páginas A4 dactilografadas a dois espaços, exceptuando os planos diários.

2. EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES/EDUCADORES COOPERANTES

- 2.1. - Entregarão ao grupo responsável pela PP IV, até ao dia 4 de Novembro a pauta preenchida com a classificação atribuída aos alunos. (anexo 6)
- 2.2. - Entregarão também, na mesma data, uma opinião escrita sobre a PP IV, segundo itens orientadores. (anexo 7)

3. EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES DA ESEL

- 3.1. - Entregarão ao grupo responsável pela PP IV, até ao dia 18 de Novembro a pauta preenchida com a classificação de todos os alunos pertencentes ao seu grupo. (anexo 6)
- 3.2. - Os grupos responsáveis pela orientação dos seminários farão, por escrito, a avaliação dos mesmos, através da análise do trabalho desenvolvido.

4. - ENTENDE-SE POR:

4.1. - EQUIPA - o grupo constituído pelo professor/educador cooperante e os alunos da ESEL.

4.2. - GRUPO - os alunos da ESEL que efectuarão a Prática Pedagógica na mesma sala de crianças.

A N E X O I

INTERVENIENTES E

INSTITUIÇÕES ESCOLARES

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

GRUPO RESPONSÁVEL PELA PRÁTICA PEDAGÓGICA IV

- ALZIRA SARAIVA - Coordenadora da Formação Inicial e do Curso de Professores do Ensino Primário
Professora Adjunta de Ciências da Natureza
- CARLOS LOPES - Coordenador do Curso de Educadores de Infância
Professor Adjunto de Matemática
- EDUARDO FONSECA - Coordenador dos Cursos do Ensino Básico
Professor Adjunto de Português
- ISABEL KOWALSKI - Equiparada a Assistente de Movimento e Drama
e Orientadora Pedagógica (com o Curso de Educadora de Infância)
- REGINA GAGO - Orientadora Pedagógica (com o Curso de Educadora de Infância)
- ANA MARIA GIL - Orientadora Pedagógica (com o Curso de Professora do Ensino Primário)
- JULIETA CRISPIM - Orientadora Pedagógica (com o Curso de Professora do Ensino Primário)

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA – ESEL

OUTROS PROFESSORES DA FORMAÇÃO INICIAL RESPONSÁVEIS

PELA PP IV

ADÍLIO DE OLIVEIRA	-	Assistente de Expressão Plástica
ALBERTO SARAIVA	-	Professor Adjunto de Expressão Plástica
ANTÓNIA BARRETO	-	Equiparada a Professora Adjunta da Área das Ciências de Educação e Coordenadora do Centro de Recursos
ANTÓNIO FRANCO	-	Equiparado a Professor Adjunto de Educação Física
CRISTINA NOBRE	-	Assistente de Português
GUY STOFFEL	-	Assistente de Música
ISABEL VARREGOSO	-	Assistente de Educação Física
JOANA CASTRO	-	Professora Adjunta de Matemática
JOÃO MARQUES	-	Assistente de Psicologia da Educação
JOSÉ MANUEL SILVA	-	Professor Adjunto de Estudos Sociais
OLGA SILVA	-	Professora Adjunta de Ciências da Natureza
RICARDO VIEIRA	-	Assistente de Estudos Sociais

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO COOPERANTES
RESPONSÁVEIS PELA PP IV

- . ADELAIDE SILVA CÂNCIO DO LIVRAMENTO
- . ALBERTINA DE OLIVEIRA PEDROSO
- . ANTÓNIO CAETANO RAFAEL
- . CLEMENTINA PEREIRA ANTUNES
- . JOSÉ FERNANDO CORREIA LOPES
- . ELISABETE JESUS DOS SANTOS MENINO LOPES
- . MARIA ALZIRA DA SILVA RODRIGUES ESTANQUEIRO
- . FRANCISCO GOMES
- . JOAQUINA CALHAU CALADO
- . MARIA DO CÉU DA SILVA ROSA
- . MARIA ERNESTINA PEREIRA GONÇALVES
- . MARIA EUGÉNIA DINIS VENÂNCIO
- . MARIA DE FÁTIMA MAXIMIANO GOMES CORREIA
- . REGINA MARIA BARREIROS DUARTE RODRIGUES ARROTEIA
- . MARIA IRENE ESTEVES VARELA FARIA SIMÕES
- . MARIA ISABEL SOARES
- . MARIA DE LURDES ANTUNES GOMES
- . MARIA DE LURDES PEDROSA
- . MARIA ROSA FERNANDES PEDROSA MARCELINO
- . OTELINDA MARIA BATISTA ALEXANDRE GOUVEIA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

EDUCADORAS DE INFÂNCIA COOPERANTES

RESPONSÁVEIS PELA PP IV

- . ALBINA DA CONCEIÇÃO DUARTE
- . ANABELA P. DE SÁ PESSOA
- . GRAÇA BAPTISTA NATÁRIO
- . MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA MARCELINO DE SOUSA
- . MARIA EUGÉNIA FERNANDES GONÇALVES
- . MARIA JOÃO MARQUES COELHO GIL
- . MARIA LUCÍLIA PEREIRA ABEGÃO ARMANDO BARTOLOMEU
- . MARIA TERESA DE JESUS VIEIRA
- . MARIA TERESA SANTOS DE CARVALHO BRITO

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

ESCOLAS DO ENSINO PRIMÁRIO

- . BAROSA
- . CASAL DA MALTA (P₃ da Marinha Grande)
- . EMBRA 1 (Marinha Grande)
- . ENGENHO (Marinha Grande)
- . GÂNDARA DOS OLIVAIS
- . LEIRIA Nº 3 (Arrabalde)
- . LEIRIA Nº 1
- . LEIRIA Nº 6 (Cruz d'Areia)
- . ORDEM Nº 1 (Marinha Grande)
- . ORTIGOSA
- . SISMARIA DA GÂNDARA
- . TELHEIRO

JARDINS DE INFÂNCIA

- . AGODIM
- . MACEIRA-LIZ
- . GÂNDARA DOS OLIVAIS
- . LEIRIA
- . OLIVAIS
- . ORDEM
- . VÂRZEA

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

ALUNOS E INSTITUIÇÕES ESCOLARES

GR.	CURSOS	NOMES	ESCOLA / JARDIM DE INFÂNCIA	PROFESSOR / EDUCADOR COOPERANTE
1	E.Prim. E.Visual	Mário Rui Pedroso Carlos Martins	Casal da Malta - Marinha Grande	Mã. Eugénia Venâncio
2	E.Prim. E.Prim.	Elisa Silva Libertina Peralta	Sismaria da Gândara	Mã. de Lurdes Gomes
3	E.Prim. Port/Fran.	Ana Cristina Tavares Paula Machado	Gândara dos Olivais	Francisco Gomes
4	E.Prim. Port/Fran.	Susana Ribeiro Fernanda Batista	Leiria Nº 1	Mã. Alzira Estanqueiro
5	E.Prim. E.Visual	Isabel Graça Cristina Rodrigues	Leiria Nº 6 - Cruz d'Areia	Regina Arroiteia
6	E.Prim. E.Visual	Odete Clemente Teresa Paula Lopes	Sismaria da Gândara	Ernestina Gonçalves
7	E.Prim. E.Física	Isabel Pereira Ana Cristina Ramalho	Casal da Malta - Marinha Grande	Mã. do Céu Rosa
8	E.Prim. E.Prim.	Irene Santos Isabel Pisco	Ordem Nº 1 - Marinha Grande	Elisabete Lopes
9	E.Prim. E.Física	José Antº Antunes Júlio Reis	Ortigosa	Isabel Soares

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

ALUNOS E INSTITUIÇÕES ESCOLARES

GR.	CURSOS	NOMES	ESCOLA / JARDIM DE INFÂNCIA	PROFESSOR/ EDUCADOR COOPERANTE
10	E.Prim. E.Prim.	Teresa Carreira Piedade Lopes	Casal da Malta - Marinha Grande	Mã. de Lurdes Pedrosa
11	E.Prim. E.Física	Isabel Alves Cristina Frutuoso	Engenho- Marinha Grande	Albertina Pedroso
12	E.Prim. E.Prim.	Manuela Maurício Elisabete Vieira	Casal da Malta - Marinha Grande	Fátima Gomes
13	E.Prim. E.Prim.	Olga Madeira Alice Santos	Telheiro	Adelaide Livramento
14	E.Física E.Física	Alexandre Canadas Sérgio Magalhães	Barosa	Joaquina Calado
15	E.Visual Port/Fran	Fernando Teixeira Helena Rego	Leiria nº 3 - Arra- balde	António Rafael
16	E.Física E.Física	Adélia Faustino Ana Mãe Rodrigues	Leiria Nº 6 - Cruz d'Areia	Rosa Marcelino
17	Port/Fran Port/Fran	Ana Cristina Beco Licínia Almeida	Embra Nº 1 - Marinha Grande	Irene Simões
18	Port/Fran Port/Fran	Cristina Delgado Adélia Santos	Ordem Nº 1 - Marinha Grande	José Lopes

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

ALUNOS E INSTITUIÇÕES ESCOLARES

GR.	CURSOS	NOMES	ESCOLA / JARDIM DE INFÂNCIA	PROFESSOR/ EDUCADOR COOPERANTE
19	E.Visual Port/Fran	Paula Frederica Martins Ana Paula Letra	Gândara dos Olivais	Otelinda Gouveia
20	E.Física E.Física	Rui Fernandes António Lemos Ferreira	Casal do Malta - Marinha Grande	Clementina Antunes
21	E.Infância E.Infância E.Infância	Carmen Ferreira Isabel Marques Susana Vieira	Várzeas - Marinha Grande	Ana Bela Pessoa
22	E.Infância E.Infância	Eugénia Gomes Maria João Catalina	Gândara dos Olivais	Teresa Brito
23	E.Infância E.Infância	Ana Sousa Erundina Marques	Várzeas - Marinha Grande	Teresa Vieira
24	E.Infância E.Infância	Teresa Matias Teresa Fialho	Capuchos - Leiria	Lucília Bartolomeu
25	E.Infância E.Infância	Rosa Ferreira Ana Pinto	Olivais	Mã. João Gil
26	E.Infância E.Infância	Gracinda Sousa Lúcia Guarda	Capuchos - Leiria	Albina Duarte
27	E.Infância E.Infância	Arminda Pereira Ana Paula Dias	Maceira-Liz	Mã da Conceição Marce- lino

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

ALUNOS E INSTITUIÇÕES ESCOLARES

GR.	CURSOS	NOMES	ESCOLA/ JARDIM DE INFÂNCIA	PROFESSOR / EDUCADOR COOPERANTE
28	E. Infância E. Infância	Rosália Nogueira Fátima Gonçalves	Agodim	Eugénia Gonçalves
29	E. Infância E. Infância	Margarida Afonso Júlia Ferreira	Ordem - Marinha Grande	Graça Natário

ANEXO 2

LISTA DE MATERIAL

MATERIAIS

- . Acetatos
- . Agrafadores
- . Álcool
- . Alfinetes para fixação de material a expôr
- . Algodão
- . Audio-gravadores
- . Canetas para acetatos
- . Cartolina de várias cores
- . Cassetes para gravador
- . Cola
- . Fita adesiva
- . Fita adesiva para expositores
- . Fita - cola
- . Marcadores finos
- . Marcadores grossos
- . Papel de Cenário
- . Papel de lustro
- . Régua
- . Rolos de Película para diapositivos
- . Rolos de película para fotografias
- . Máquinas fotogrâficas

ANEXO 3

REFLEXÃO FINAL

PARÂMETROS PARA A REFLEXÃO FINAL

Pretende-se que os alunos avaliem, objectivamente, as suas capacidades de observação/intervenção, nomeadamente na :

- . utilização de conhecimentos científicos das diferentes áreas do conhecimento, a nível disciplinar e interdisciplinar,
- . utilização de um código verbal adaptado ao desenvolvimento das crianças,
- . organização e exploração dos espaços disponíveis,
- . utilização, eficaz, do material seleccionado,
- . utilização de meios e técnicas adaptados à consecução dos objectivos,
- . ajuda prestada às crianças para ultrapassarem as dificuldades sentidas,
- . planificação e adaptação do plano de intervenção às necessidades e interesses das crianças,
- . organização e dinamização dos grupos de crianças.

ANEXO 4

REFLEXÃO ESCRITA

REFLEXÃO ESCRITA

Considerando os diferentes momentos da PP IV abaixo indicados, pede-se uma reflexão individual de todo o trabalho realizado e a apresentação de sugestões, ponto por ponto, com vista à organização de futuras Práticas Pedagógicas.

Justifique sempre a resposta que der.

1. - PREPARAÇÃO

Forneceu os dados que permitiram a concretização dos objectivos propostos

2. - PLANIFICAÇÃO

As condições fornecidas pela ESEL (tempo, recurso, informações, formação) foram adequadas à elaboração do plano ?

3. - ACTUAÇÃO/OBSERVAÇÃO

3.1. Quais foram as maiores dificuldades que sentiu na concretização das propostas da planificação ?

3.2. Sente que superou dificuldades ao concretizar a observação/actuação nos seguintes aspectos:

- . no domínio científico _____
- . no domínio psicológico e pedagógico _____
- . exploração do material didáctico _____
- . na organização do trabalho escolar _____

Classifique cada um dos aspectos acima citados num escala de 1 a 5 usando o valor 1 para o aspecto que acha que superou melhor.

4. - REFLEXÃO/AVALIAÇÃO

4.1. Sentiu dificuldade em participar na auto e heteroavaliação do trabalho realizado ?

4.2. Qual a sua opinião sobre a validade dos diferentes momentos da reflexão propostas pelos responsáveis da PP IV ?

5. - APRECIACÃO GLOBAL

5.1. A PP IV contribui para a sua formação :

5.1.1. Como pessoa ?

5.1.2. Como futuro profissional ?

6. - OUTRAS SUGESTÕES

NOME: _____ GRUPO _____

CURSO _____

ESCOLA _____

ANEXO 5

REFLEXÃO DIÁRIA

PARÂMETROS PARA A REFLEXÃO DIÁRIA

- . Aplica correctamente conhecimentos científicos a nível das diferentes áreas do conhecimento.
- . Relaciona conhecimentos a nível disciplinar e interdisciplinar.
- . Usa uma linguagem ajustada, precisa, de forma que as crianças entendam, tendo em conta o seu desenvolvimento neste domínio.
- . Optimiza as potencialidades que o espaço disponível oferece.
- . Selecciona e explora o material de forma apropriada e eficaz.
- . Faz uma gestão adequada do tempo.
- . Revela capacidade de avaliação das actividades propostas.
- . Acompanha as crianças nos intervalos:
 - observando os alunos nas suas actividades de recreio,
 - intervindo quando solicitado.
- . Estimula o relato e discussão de acontecimentos, sempre de forma organizada, a partir das propostas das crianças e ou professores.
- . Proporciona situações ajustadas às crianças que lhe permitam o avançar criativamente.
- . Utiliza estratégias de observação adequadas.
- . Cooperar com os outros membros da equipa:
 - dialogando com o cooperante e colega,
 - executando as tarefas acordadas.
- . Cooperar com os outros elementos da comunidade escolar.
- . Dialoga com os encarregados de educação/pais.
- . Supera dificuldades no que se refere:
 - ao domínio científico,
 - ao domínio psicológico e pedagógico,
 - à organização do trabalho escolar.

ANEXO 6

PAUTAS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

PRÁTICA PEDAGÓGICA IV

P A U T A

(a preencher pelo professor / educador cooperante)

GRUPO	NOME DOS ALUNOS	CURSO	NOTA DA ACTUAÇÃO	NOTA DA REFLEXÃO

ESCOLA / JARDIM DE INFÂNCIA _____

, de _____ de 1988

O PROFESSOR / EDUCADOR COOPERANTE

PRÁTICA PEDAGÓGICA IV

P A U T A

(a preencher pelos Professores da ESEL)

GR	NOME DO ALUNO	CURSO	NOTA DO PLANO	NOTA DA ACTUAÇÃO	NOTA DA REFLEXÃO	NOTA DA COM.ESCR.

Leiria, de de 1988

OS PROFESSORES DA ESEL

A N E X O 7

OPINIÃO ESCRITA

(Relatório - Tipo.)

RELATÓRIO - TIPO

NOME DO PROFESSOR EDUCADOR/COOPERANTE _____

ESCOLA _____

NOME DO ALUNO _____ GRUPO _____

1 - CARACTERÍSTICAS PESSOAIS :

1.1. - Responsabilidade

1.2. - Iniciativa

1.3. - Organização

2 - RELAÇÃO COM A CRIANÇA:

2.1. - Observador

2.2. - Disponível

3 - RELAÇÃO COM OS OUTROS ELEMENTOS DA EQUIPA:

3.1. - Atento

3.2. - Disponível

4 - ACTUAÇÃO PEDAGÓGICA:

4.1. - Actividades

. de acordo com as necessidades das crianças

. estimuladoras da sua participação

5 - LIGAÇÃO TEORIA/PRÁTICA:

5.1. - Perspectiva globalizante

5.2. - Reconstrução da acção

5.3. - Seleccção do material

ANEXO 8

SESSÕES DE FORMAÇÃO

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

SESSÕES DE FORMAÇÃO PARA
PROFESSORES/EDUCADORES COOPERANTES

DIA	HORA	LOCAL	GRUPO	ORIENTADORES	ACTIVIDADE
12/9	14H30	Anfiteatro	Todos os professores/ Educadores Cooperantes	Grupo responsável pela PP IV	Análise do Plano da PP IV
	15H30	Sala 113	5 Professores Cooperantes		Análise do Plano da PP IV Levantamento de questões
		" 114	5 Professores Cooperantes		
		" 116	5 Professores Cooperantes		
		" 112	5 Professores Cooperantes		
		" 106	4 Educadoras Cooperantes		
" 105	4 Educadoras Cooperantes				
17H00	Sala 116 Sala 114	Todos os Professores Cooperantes	Professores da ESEL que apoiam o Primário	Discussão das levantadas	
		Todos os Educadores Cooperantes	Professores da ESEL que apoiam o Pré-Primário		
13/9	14H30/ /17H30	Anfiteatro	Todos os Professores/Educadores Cooperantes	Antónia Barreto João Marques	Actividades de Observação na Escola

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

SESSÕES DE FORMAÇÃO PARA
PROFESSORES/EDUCADORES COOPERANTES

DIA	HORA	LOCAL	GRUPO	ORIENTADORES	ACTIVIDADE
14/9 e 15/9	14H30 /17H30	Sala 116	Todos os Pro fessores Cooperantes	António Franco Ana Gil Julieta Crispim	Concepção de Planos de Aula
		Sala 114	Todas as Educadoras Cooperantes	Isabel Kowalski Regina Gago Carlos Lopes	Concepção de Planos de Aula
16/9	14H30 /17H30	Sala 116	Todos os Pro fessores Cooperantes	Todos os Professo res da ESEL que apoiam a Primário	Situação Interdisci plinar
		Sala 114	Todas as Educadoras Cooperantes	Todos os Professo res da ESEL que apoiam o Pré - Primário	Situação Interdisci plinar

SEMINÁRIO

ACTIVIDADES DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA

OBJECTIVOS:

- . Desenvolver capacidades no âmbito das actividades de observação.
- . Facilitar a aquisição de uma " linguagem comum " aos professores/
/educadores cooperantes e alunos da ESEL, no âmbito das actividades de observação.
- . Fornecer informação teórica sobre as actividades de observação.
- . Treinar competências de observação.

NOTA: Serão distribuídos textos de apoio.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

SEMINÁRIO

CONCEPÇÃO DE PLANOS NO JARDIM DE INFÂNCIA

OBJECTIVO:

- . Planificação de actividades no Jardim de Infância.

DESENVOLVIMENTO

1º DIA:

- . Divisão dos participantes em 3 grupos;
- . a partir de uma actividade conhecida, cada grupo planifica;
- . reunião em grande grupo para apresentação de resultados (procurar quais os elementos estruturais a todas as planificações);
- . aspectos teóricos gerais de uma planificação:
 - . elementos estruturais que devem aparecer em diferentes processos de planificação

2º DIA:

- . Planificação das actividades desde o dia da abertura do Jardim de Infância até ao dia 8 de Outubro.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

SEMINÁRIO ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

2 Sessões (3 x 2 H)

OBJECTIVOS

1. Informar os professores cooperantes sobre os investimentos didáticos feitos com os nossos alunos, nomeadamente nos seguintes âmbitos:
 - . objectivos de ensino
 - . análise de programas
 - . estilos de ensino e métodos de aprendizagem
 - . actividades e tarefas de aprendizagem
 - . relação pedagógica: interacções pedagógicas e clima da aula
 - . gestão temporal da aula.

2. Analisar sinteticamente os referidos conteúdos

3. Analisar os objectivos pretendidos na Prática Pedagógica IV, à luz da formação recebida pelos nossos alunos e do apoio a fornecer pelos Professores Cooperantes.

4. Analisar os elementos estruturais de um Plano de aula.

NOTA: foram distribuídos textos de apoio.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

SEMINÁRIO

SITUAÇÕES INTERDISCIPLINARES

(Ensino Primário)

ORDEM DE TRABALHOS:

I. das 14H30 às 14H45 - Apresentação de conceitos:

- . Interdisciplinaridade,
- . disciplinaridade,
- . globalidade.

Orientador: ANTÓNIO FRANCO

II. das 14H45 às 15H30 - Proposta de trabalho de grupo:

Objectivo do trabalho:

- . concepção de estratégias e tarefas que levem à realização de uma abordagem interdisciplinar

Material:

- . objectivos das áreas disciplinares do ensino primário e nível de aprendizagem

Proposta de cenário:

- . Escola de Leiria, alunos da 1ª fase, 1º ano de escolaridade;
- . escolha de uma estratégia ou tarefa;
- . 4 grupos de trabalho

III. das 15H45 às 16H45 - Apresentação dos trabalhos de grupo

IV. das 16H45 às 17H30 - Conclusões

Moderador dos Trabalhos: GUY STOFFEL

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

OBJECTIVOS DAS ÁREAS DISCIPLINARES NO ENSINO PRIMÁRIO

MEIO FÍSICO E SOCIAL

- . Distinguir seres vivos de seres não vivos (pg 42)

MATEMÁTICA

- . Distinguir se um conjunto tem mais, ou menos, ou tantos elementos como outro (pg 124)
- . Identificar esquerda e direita; acima e abaixo; à frente e atrás; antes e depois (pg 123)

LÍNGUA PORTUGUESA

- . Aplicar a progressão (esquerda-direita, alto-baixo) da leitura e dos grafismos da escrita (pg 78)
- . Relacionar a expressão verbal (oral e escrita) com outras formas de expressão (gesto, mímica, desenho, pintura, música ...) pg 83

EDUCAÇÃO MUSICAL

- . Promover o desenvolvimento auditivo e rítmico.
- . Identificar sons.
- . reproduzir canções (se possível, acompanhadas por ritmos).

EDUCAÇÃO FÍSICA

Actividades Iniciais

1.- VISÃO (pg 16)

- Reconhecer, comparando, semelhanças e diferenças (o tamanho; a forma; a cor);

NOTA: com aproveitamento de partes das " sugestões de actividades ", devidamente adaptadas (pg. 16 e 17).

Educação Física

- . Agilidade (pg 191)
- . Jogos de orientação (pg 194)
- . Jogos de lançar e apanhar (pg 195)
- . Jogos de agilidade (pg 195)
- . Jogos de atenção (pg 196).

NOTA: adaptados de acordo com as orientações programáticas do ofício-circular nº 41-77/78.

EXPRESSÃO PLÁSTICA

- . Desenvolvimento global e harmónico, das crianças por forma a possibilitar a realização pessoal de acordo com os interesses e aptidões de cada um .
- . Aquisição de conhecimentos básicos e o desenvolvimento das capacidades, atitudes e hábitos que visem o prosseguimento de estudos e melhor inserção na sociedade.
- . Estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética e de aptidões artísticas.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

- Contribuir para o conhecimento do património cultural, histórico, incentivando a sua protecção e enriquecimento.
- Estimular e desenvolver um trabalho individual e de grupo.

VISÃO (ver) — Reconhecer, comparando, semelhanças e diferenças (o tamanho, a forma, a cor).

- Desenvolver a atenção e a memória visual.
- Interpretar o que vê e tirar conclusões.

AUDIÇÃO — Desenvolver a acuidade, a atenção e a memória auditiva.

A N E X O 9

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO

PLANO

- . Define adequadamente os objectivos mostrando:
 - compreensão dos objectivos gerais do Ensino Primário/Jardim de Infância,
 - compreensão dos objectivos específicos de cada área.
- . Escolhe actividades tendo em conta:
 - o projecto da Escola/Jardim de Infância e do professor/educador cooperante,
- . Prevê as tarefas a dar às crianças:
 - os objectivos definidos,
 - o nível de desenvolvimento das crianças
- . Organiza a sua intervenção tendo em conta:
 - o estilo de ensino mais adequado,
 - a previsão temporal da aula,
 - o material adequado,
 - a avaliação das actividades
- . Indica processos e campos de observação da criança.

OBSERVAÇÃO/ACTUAÇÃO

- . Aplica correctamente conhecimentos científicos a nível das diferentes áreas do conhecimento.
- . Relaciona conhecimentos a nível disciplinar e interdisciplinar.
- . Usa uma linguagem ajustada, precisa, de forma que as crianças entendam, tendo em conta o seu desenvolvimento neste domínio.
- . Optimiza as potencialidades que o espaço disponível oferece.
- . Selecciona e explora o material de forma apropriada e eficaz.
- . Faz uma gestão adequada de tempo.
- . Revela capacidade de avaliação das actividades propostas.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

- . Acompanha as crianças nos intervalos:
 - observando os alunos nas suas actividades de recreio,
 - intervindo quando solicitado.
- . Estimula o relato e discussão de acontecimentos, sempre de forma organizada, a partir das propostas das crianças e ou professores.
- . Proporciona situações ajustadas à criança que lhe permitam o avançar criativamente.
- . Utiliza estratégias de observação adequadas.
- . Cooperar com os outros membros da equipa:
 - dialogando com o cooperante e colega,
 - executando as tarefas acordadas.
- . Cooperar com os outros elementos da comunidade escolar.
- . Dialoga com os encarregados de educação/pais
- . Supera dificuldades no que se refere:
 - ao domínio científico,
 - ao domínio psicológico e pedagógico,
 - à organização do trabalho escolar.
- . Realiza inferências pertinentes em relação às observações feitas.

REFLEXÃO/AVALIAÇÃO

- . Transmite de forma clara e dinâmica a informação seleccionada.
- . Formula críticas fundamentadas.
- . Revela receptividade à crítica dos outros.
- . Participa na avaliação do trabalho do colega de uma forma objectiva.

COMUNICAÇÃO ESCRITA

- . Transmite a informação recolhida de acordo com os itens previamente definidos.
- . Organiza a informação a nível de :
 - forma (clareza, expressão escrita, redacção, apresentação e paginação),

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

- conteúdo.

- . Interpreta os dados da observação de acordo com a formação já adquirida.
- . Analisa a pertinência das inferências baseadas em observações realizadas.

A N E X O 10

CALENDÁRIO DAS ACTIVIDADES

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

2ª FEIRA - 10/10/88

PREPARAÇÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	ORIENTADORES	ACTIVIDADE
9H00	Anfiteatro	Todos os grupos	Grupo responsável pela PP IV	<ul style="list-style-type: none"> . Apresentação da estrutura global da PP IV . Sorteio dos locais de estágio
10H30	I N T E R V A L O			
11H00	Anfiteatro	Todos os grupos	Grupo responsável pela PP IV	<ul style="list-style-type: none"> . Informações sobre o calendário das actividades
12H00	A L M O Ç O			
14H00	Sala 61	Todos os grupos de Educadoras de Infância	<ul style="list-style-type: none"> . João Marques . Cristina Nobre . José Manuel Silva . Alberto Saraiva . Isabel Varregoso 	<ul style="list-style-type: none"> . Desenvolvimento teórico
	Sala 116	Todos os grupos do Primário e Básico	<ul style="list-style-type: none"> . Antónia Barreto . Ricardo Vieira . Joana Castro . Guy Stoffel . Alzira Saraiva 	<ul style="list-style-type: none"> . Trabalho de discussão grupo sobre actividades de observação
15H30	I N T E R V A L O			
16H00	As mesmas	Os mesmos	Os mesmos	<ul style="list-style-type: none"> . Prática de observação
17H00				

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

3ª FEIRA - 11/10/88

PREPARAÇÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	ORIENTADORES	ACTIVIDADE
9H00	Sala 61	. Todos os grupos de Educadoras de Infância	. João Marques . Cristina Nobre . José Manuel Silva . Alberto Saraiva . Isabel Varregoso	. Reflexão do trabalho realizado na tarde do dia 10/10/88
	Sala 116	. Todos os grupos do Primário e Básico	. Antónia Barreto . Ricardo Vieira . Joana Castro . Guy Stoffel . Alzira Saraiva	
10H30	I N T E R V A L O			
11H00	As mesmas	Os mesmos	Os mesmos	Os mesmos
12H00	A L M O Ç O			
14H00	Sala 116	Todos os grupos de Educadoras de Infância	. Regina Gago . Isabel Kowalski . Carlos Lopes . Olga Silva	. Concepção de planos no Jardim de Infância
	Sala 61	Todos os grupos do Primário e Básico	. Ana Gil . Eduardo Fonseca . Adílio de Oliveira . António Franco . Julieta Crispim	. Concepção de planos de aula
15H30	I N T E R V A L O			
16H00	As mesmas	Os mesmos	Os mesmos	As mesmas actividades
17H00				

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

4ª FEIRA - 12/10/88

PREPARAÇÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	ORIENTADORA	ACTIVIDADE
9H00	Sala 116	Todos os grupos de Educadoras Infância	. Regina Gago . Isabel Kowalski . Carlos Lopes . Olga Silva	. Concepção de planos no Jardim de Infância
	Sala 61	Todos os grupos do Primário e Básico	. Ana Gil . Eduardo Fonseca . António Franco . Julieta Crispim	. Concepção de planos de aula
10H30	I N T E R V A L O			
11H00	As mesmas	Os mesmos	Os mesmos	As mesmas actividades
12H00	A L M O Ç O			
14H00	Sala 61	Todos os grupos do Primário e Básico	. Ana Gil . Antónia Barreto . António Franco . Ricardo Vieira . Julieta Crispim . Joana Castro . Eduardo Fonseca . Guy Stoffel . Adílio Oliveira . Alzira Saraiva	. Situações inter-disciplinares
	Sala 116	Todos os grupos de Educadoras de Infância	. Regina Gago . José Manuel Silva . Isabel Kowalski . Cristina Nobre . Alberto Saraiva . Carlos Lopes . Isabel Varregoso . Olga Silva . João Marques	
15H30	I N T E R V A L O			
16H00	As mesmas	Os mesmos	Os mesmos	. Situações inter-disciplinares
17H00				

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

5ª FEIRA - 13/10/88

PLANIFICAÇÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	COOPERANTES	PROFESSORES DA ESEL
9H00	Sala 116	13	. Adelaide Livramento	
15H00	Sala 116	15	. António Rafael	. Ana Gil
17H00	Sala 116	16	. Rosa Marcelino	. Antónia Barreto
9H00	Sala 116	4	. Alzira Estanqueiro	
15H00	Sala 114	12	. Fátima Gomes	
16H00	Sala 114	20	. Clementina Antunes	. Adílio Oliveira
16H00	Sala 114	1	. Mã Eugênia Venâncio	. Alzira Saraiva
16H00	Sala 114	10	. Lourdes Pedrosa	
15H00	Sala 113	18	. Fernando Lopes	
15H30	Sala 113	8	. Elisabete Lopes	. Julieta Crispim
16H00	Sala 113	7	. Mã do Céu Rosa	. Joana Castro
17H00	Sala 113	11	. Albertina Pedroso	
15H00	Sala 112	17	. Mã Irene Simões	
15H30	Sala 112	14	. Joaquina Calado	. António Franco
16H00	Sala 112	6	. Ernestina Gonçalves	. Ricardo Vieira
17H00	Sala 112	2	. Lurdes Gomes	
9H00	Sala 106	19	. Otelinda Gouveia	
15H00	Sala 106	3	. Francisco Gomes	. Eduardo Fonseca
9H00	Sala 106	5	. Regina Arroiteia	. Guy Stoffel
16H30	Sala 106	9	. Isabel Soares	
17H00	Sala 105	24	. Mã Lucília Bartolomeu	. José Manuel Silva
17H30	Sala 105	28	. Mã Eugênia Gonçalves	. Regina Gago
17H00	Sala 102	26	. Albina Duarte	. Isabel Kowalski
17H30	Sala 102	21	. Anabela Pessoa	. Cristina Nobre
17H30	Sala 102	23	. Mã Teresa Vieira	. Alberto Saraiva

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

6ª FEIRA - 14/10/88

PLANIFICAÇÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	COOPERANTES	PROFESSORES DA ESEL
9H00	Sala 116	13	. Adelaide Livramento	. Ana Gil . Antónia Barreto
15H00	Sala 116	15	. António Rafael	
17H00	Sala 116	16	. Rosa Marcelino	
9H00	Sala 116	4	. Alzira Estanqueiro	
15H00	Sala 114	12	. Fátima Gomes	. Adílio Oliveira . Alzira Saraiva
16H00	Sala 114	20	. Clementina Antunes	
16H00	Sala 114	1	. Mã Eugênia Venâncio	
16H00	Sala 114	10	. Lourdes Pedrosa	
15H00	Sala 113	18	. Fernando Lopes	. Julieta Crispim . Joana Castro
15H30	Sala 113	8	. Elisabete Lopes	
16H00	Sala 113	7	. Mã do Céu Rosa	
17H00	Sala 113	11	. Albertina Pedroso	
15H00	Sala 112	17	. Mã Irene Simões	. António Franco . Ricardo Vieira
15H30	Sala 112	14	. Joaquina Calado	
16H00	Sala 112	6	. Ernestina Gonçalves	
17H00	Sala 112	2	. Lurdes Gomes	
9H00	Sala 106	19	. Otelinda Gouveia	. Eduardo Fonseca . Guy Stoffel
15H00	Sala 106	3	. Francisco Gomes	
9H00	Sala 106	5	. Regina Arroteia	
16H30	Sala 106	9	. Isabel Soares	
17H00	Sala 105	24	. Mã Lucília Bartolomeu	. José Manuel Silva . Regina Gago
17H30	Sala 105	28	. Mã Eugênia Gonçalves	
17H00	Sala 102	26	. Albina Duarte	. Isabel Kowalski . Cristina Nobre . Alberto Saraiva
17H30	Sala 102	21	. Anabela Pessoa	
17H30	Sala 102	23	. Teresa Vieira	

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

DE 17/10/88 a 26/10/88

OBSERVAÇÃO / ACTUAÇÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	ORIENTADORES	ACTIVIDADE
QUATRO HORAS E MEIA * por dia	Escolas do Ensino Primário	Grupos do Primário e do Básico		Execução dos planos elaborados previamente
* Conforme o horário do professor cooperante				
das 9H00 às 16H30 **	Jardins de Infância	Grupo de Educadores de Infância		Execução dos planos elaborados previamente
** ou conforme o horário do Jardim de Infância onde se efectua o estágio				

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

5ª FEIRA - 27/10/88

REFLEXÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	COOPERANTES	PROFESSORES DA ESEL
9H00	Sala 116	13	. Adelaide Livramento	. Ana Gil . Antónia Barreto
15H00	Sala 116	15	. António Rafael	
17H00	Sala 116	16	. Rosa Marcelino	
9H00	Sala 116	4	. Alzira Estanqueiro	
15H00	Sala 114	12	. Fátima Gomes	. Adílio Oliveira . Alzira Saraiva
16H00	Sala 114	20	. Clementina Antunes	
16H00	Sala 114	1	. Mã Eugênia Venâncio	
16H00	Sala 114	10	. Lourdes Pedrosa	
15H00	Sala 113	18	. Fernando Lopes	. Julieta Crispim . Joana Castro
15H30	Sala 113	8	. Elisabete Lopes	
16H00	Sala 113	7	. Mã do Céu Rcsa	
17H00	Sala 113	11	. Albertina Pedroso	
15H00	Sala 112	17	. Mã Irene Simões	. António Franco . Ricardo Vieira
15H30	Sala 112	14	. Joaquina Calado	
16H00	Sala 112	6	. Ernestina Gonçalves	
17H00	Sala 112	2	. Lurdes Gomes	
9H00	Sala 106	19	. Otelinda Gouveia	. Eduardo Fonseca . Guy Stoffel
15H00	Sala 106	3	. Francisco Gomes	
9H00	Sala 106	5	. Regina Arroteia	
16H30	Sala 106	9	. Isabel Soares	
17H00	Sala 105	24	. Mã Lucília Bartolomeu	. José Manuel Silva . Regina Gago
17H30	Sala 105	28	. Mã Eugênia Gonçalves	
17H00	Sala 102	26	. Albina Duarte	. Isabel Kowalski . Cristina Nobre . Alberto Saraiva
17H30	Sala 102	21	. Anabela Pessoa	
17H30	Sala 102	23	. Mã Teresa Vieira	

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

6ª FEIRA - 28/10/88

REFLEXÃO

HORA	LOCAL	GRUPO	COOPERANTES	PROFESSORES DA ESEL
9H00	Sala 116	13 4 19 5	. Adelaide Livramento . Alzira Estanqueiro . Otelinda Gouveia . Regina Arroiteia	. Ana Gil . Antónia Barreto . Eduardo Fonseca . Guy Stoffel
16H30	Sala 105	15 16	. António Rafael . Rosa Marcelino Antónia Barreto . Ana Gil
16H00	Sala 102	12 20 1 10	. Fátima Gomes . Clementina Antunes . Mã Eugénia Venâncio . Lourdes Pedrosa	. Adílio Oliveira . Alzira Saraiva
16H00	Sala 106	3 9	. Francisco Gomes . Isabel Soares	. Eduardo Fonseca . Guy Stoffel
16H00	Sala 113	17 14 6 2	. Mã Irene Simões . Joaquina Calado . Ernestina Gonçalves . Lurdes Gomes	. António Franco . Ricardo Vieira
17H00	Sala 116	18 8 7 11	. Fernando Lopes . Elisabete Lopes . Mã do Céu Rosa . Albertina Pedroso	. Julieta Crispim . Joana Castro
17H00	Sala 114	24	. Mã Lucília Bartolomeu	. José Manuel Silva
		28	. Mã Eugénia Gonçalves	. Regina Gago
	Sala 112	26	. Albina Duarte	. Isabel Kowalski
		21 23	. Anabela Pessoa . Mã Teresa Vieira	. Cristina Nobre . Alberto Saraiva
	Sala 16	22	. Mã Teresa Brito	. Carlos Lopes
29		. Mã da Graça Natário	. Isabel Varregoso	
Sala 61	27	. Mã Conceição Marcelino	. Olga Silva	
	25	. Mã João Gil	. João Marques	

A N E X O 11

SEMINÁRIOS PARA ALUNOS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

SEMINÁRIO

ACTIVIDADES DE OBSERVAÇÃO NA ESCOLA

OBJECTIVOS:

- . Desenvolver capacidades no âmbito das actividades de observação.
- . Facilitar a aquisição de uma "linguagem comum" aos professores/educadores cooperantes e alunos da ESEL, no âmbito das actividades de observação.
- . Rever e aprofundar informação teórica sobre as actividades de observação.
- . Treinar competências de observação .

PARÂMETROS E ELEMENTOS DE AVALIAÇÃO

Elementos de Avaliação :

- . plano elaborado pelos alunos,
- . actuação,
- . comunicação oral,
- . comunicação escrita.

Parâmetros de Avaliação :

- . indica processos e campos de observação da criança,
- . utiliza estratégias de observação adequadas,
- . realiza inferências pertinentes em relação às obserções feitas,
- . analisa a pertinência das inferências baseadas em observações realizadas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA – ESEL

REGISTO DE PRESENÇAS

NOME DO ALUNO _____

CURSO _____ GRUPO _____

DIA	MANHÃ	TARDE	PROFESSORES DA ESEL	PROFESSOR/EDUCADOR COOPERANTE
10/10				X
11/10				
12/10				
13/10				
14/10				
17/10				
18/10				
19/10				
20/10				
21/10				
24/10				
25/10				
26/10				
27/10				
28/10				

A N E X O 12

DOCUMENTOS VARIADOS QUE
FAZEM PARTE DO PROCESSO
DA PP IV

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

EQUIPAS DE PROFESSORES DE APOIO À PP IV

PRÉ-PRIMÁRIO

PLANO	OBSERVAÇÃO
Regina Gago	José Manuel Silva
Isabel Kowalski	Cristina Nobre e Alberto Saraiva
Carlos Lopes	Isabel Varregoso
Olga Silva	João Marques

PRIMÁRIO

PLANO	OBSERVAÇÃO
Ana Gil	Antónia Barreto
António Franco	Ricardo Vieira
Julieta Crispim	Joana Castro
Eduardo Fonseca	Guy Stoffel
Adílio Oliveira	Alzira Saraiva

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA – ESEL

RESPONSÁVEIS PELA AVALIAÇÃO / CLASSIFICAÇÃO

PROFESSORES DA ESEL	PROFESSORES/EDUCADORES COOPERANTES	GRUPO
José Manuel Silva	Mã Lucília Bartolomeu	24
	Mã Eugénia Gonçalves	28
Regina Gago		
Cristina Nobre Alberto Saraiva Isabel Kowalski	Albina Duarte	26
	Anabela Pessoa	21
	Mã Teresa Vieira	23
Isabel Varregoso	Mã Teresa Brito	22
	Mã da Graça Natário	29
Carlos Lopes		
Olga Silva	Mã da Conceição Marcelino	27
	Mã João Gil	25
João Marques		
Antónia Barreto Ana Gil	Adelaide Livramento	13
	António Rafael	15
	Rosa Marcelino	16
	Alzira Estanqueiro	4
António Franco Ricardo Vieira	Mã Irene Simões	17
	Joaquina Calado	14
	Ernestina Gonçalves	6
	Lurdes Gomes	2

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

RESPONSÁVEIS PELA AVALIAÇÃO / CLASSIFICAÇÃO

PROFESSORES DA ESEL	PROFESSORES/EDUCADORES COOPERANTES	GRUPO
Joana Castro Julieta Crispim	Fernando Lopes	18
	Elisabete Lopes	8
	Mãe do Céu Rosa	7
	Albertina Pedroso	11
Guy Stoffel Eduardo Fonseca	Otelinda Gouveia	19
	Francisco Gomes	3
	Regina Arroiteia	5
	Isabel Soares	9
Adílio Oliveira Alzira Saraiva	Fátima Gomes	12
	Clementina Antunes	20
	Mãe Eugénia Venâncio	1
	Lourdes Pedrosa	10

MOMENTO DA PREVISÃO		MOMENTO DA INTERACÇÃO		MOMENTO DA PRODUÇÃO	
TIPOS DE VARIÁVEIS DO CONTEÚTO		TIPOS DE VARIÁVEIS DO PROCESSO		TIPOS DE VARIÁVEIS DO PRODUTO	
- FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA E CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR	- ORGANIZAÇÃO E LANÇAMENTO DO PROCESSO	- ORGANIZAÇÃO E LANÇAMENTO DO PROCESSO	- ORGANIZAÇÃO E LANÇAMENTO DO PROCESSO	- OBSERVAÇÕES OBSERVÁVEIS DO COMPORTAMENTO DO ALUNO; AQUISIÇÕES E EFEITOS IMEDIATOS E MEDIATOS	- OBSERVAÇÕES OBSERVÁVEIS DO COMPORTAMENTO DO ALUNO; AQUISIÇÕES E EFEITOS IMEDIATOS E MEDIATOS
- CARACTERÍSTICAS E NECESSIDADES DOS ALUNOS	- ACTIVIDADES E TAREFAS DOS ALUNOS	- ACTIVIDADES E TAREFAS DOS ALUNOS	- ACTIVIDADES E TAREFAS DOS ALUNOS	- PROGRESSO DA CLASSE	- PROGRESSO DA CLASSE
- CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES DO MEIO ESCOLAR E SOCIAL	- COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	- COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	- COMPORTAMENTOS DO PROFESSOR	- IMPACTO DO PROCESSO NO CONTEXTO	- IMPACTO DO PROCESSO NO CONTEXTO
- PROGRAMA	- COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS	- COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS	- COMPORTAMENTOS DOS ALUNOS		
- PLANEAMENTO GERAL	- CLIMA DA AULA	- CLIMA DA AULA	- CLIMA DA AULA		
- PLANO DA AULA	- FUNÇÕES DE GESTÃO E DE REFORÇO DO PROCESSO	- FUNÇÕES DE GESTÃO E DE REFORÇO DO PROCESSO	- FUNÇÕES DE GESTÃO E DE REFORÇO DO PROCESSO		
- CONDIÇÕES MATERIAIS (EQUIPAMENTO E ESPAÇO)					

- A complexidade do ensino tem, habitualmente, encorajado a divulgação de rotinas e de técnicas escolares empíricas, de acordo com enraizadas concepções artísticas e vocacionais, mas que pouco, ou nada, têm minimizado as grandes dificuldades do professor. Não raro, ele cai na frustração constante.
- Aquela complexidade resulta, em grande parte, da interacção do número considerável de variáveis que agem constantemente na função do ensino.
- Importa pois conhecer, identificar, localizar e, tanto quanto possível, controlar tais variáveis.
- É isto que se tem vindo a fazer, em termos de investigação pedagógica, e cujos contributos vêm oferecendo à prática corrente do ensino novos dados, mais seguros e mais produtivos que não podem ser ignorados pelas novas gerações de professores.
- Para possibilitar, não só a pesquisa como toda a prática consequente, MITZEL H. E. (New York, 1960) descreveu um modelo de organização e de estudo do ensino em que agrupava todas as possíveis variáveis interferentes, em três grandes momentos que compreendem uma "aula". O seu modelo tem sido adaptado e modificado por muitos outros autores (Gage, 62; Dunkin et Biddle, 74; Dussault et Col; 73; De Landsheere, 76; Graham et Keimeler, 81; Pieron, 76; Tousignant et Brunelle, 82, etc.). Mas, independentemente das designações e de outras diferenças, o paradigma geral mantém-se.
- O modelo apresentado é uma adaptação nossa que respeita o referido paradigma.
- Naturalmente, os momentos apontados estão intimamente ligados, num todo. A separação é provisória e de conveniência, aliás bastante útil como se demonstrará, e nunca deve afectar negativamente esse todo.

Alguns comentários

Podará eventualmente pensar-se em repetição desnecessária, ao constatar-se a existência de uma unidade de preparação das actividades de observação a desenvolver na Prática Pedagógica IV, uma vez que isso já aconteceu na preparação da Prática Pedagógica III. Não nos parece no entanto que seja esse o caso.

As actividades de observação são indispensáveis na formação de professores. Estes, há muito que deixaram de ser um elemento limitado à transmissão de conhecimentos, para passarem a assumir um papel de agentes activos na totalidade do processo de ensino/aprendizagem (que de forma alguma está longe de se limitar aos tempos lectivos), integrados no todo sócio-institucional que caracteriza o processo educativo (ou, se quisermos ir mais longe, o processo de desenvolvimento do ser humano), bem como em todos os processos científicos de investigação pedagógica que lhe estão subjacentes.

Na verdade, nem os alunos, nem os professores, nem a escola, fazem qualquer sentido quando desintegrados do todo que é a comunidade, a qual por seu turno não se esgota nas pessoas nem nas coisas, mas envolve também os processos que estão subjacentes ao seu relacionamento e desenvolvimento.

Assim, dotado de um novo estatuto e também de um novo papel, o professor tem de ser cada vez mais um agente dinâmico, pelo qual passa naturalmente todo o processo de

ensino/aprendizagem, por um lado, e de investigação pedagógica por outro, cabendo-lhe integrar na sua prática profissional os dados retirados desta, para uma optimização daquele, com vista a uma optimização do desenvolvimento do indivíduo.

Ora, inerentes a toda a prática de investigação científica, e como etapa necessária (mas quase nunca suficiente) daquela, (co)existem sempre as actividades de observação. Num momento ou noutro é necessário proceder sempre a uma recolha de dados, que confirme ou infirme uma hipótese previamente ou não colocada. É isto não acontece só na investigação científica, de carácter pedagógico ou não, mas também no quotidiano da vida de um qualquer profissional. Pela observação de dados o ser humano regula a sua actividade presente, reflecte a passada, e programa a futura. Eis-nos no tão famoso processo de "feedback"; eis-nos também numa das razões principais de voltar a investir o nosso esforço nas actividades de observação, quer em termos de formação teórica quer em termos de formação prática. Através delas são de facto possíveis melhorias no processo de ensino/aprendizagem, nos diversos níveis que este implica (desde as aptidões do professor e conhecimento dos alunos às práticas de investigação científico/pedagógicas).

Mas para que das actividades de observação se possam retirar resultados proveitosos é necessário algo mais do que uma observação tecnicamente baseada nos cinco sentidos de que estamos bio-fisiologicamente dotados. O mundo que há para observar (numa simples sala de aulas) é demasiado vasto e rico para ser útil, se tomado no seu conjunto como um aglomerado de dados compactos, e consequentemente de difícil

tratamento. Antes de observar é necessário estarmos dotados das técnicas e condições adequadas, determinar objectivos de observação, delimitar campos, etc. E isso só se consegue conhecendo e dominando as técnicas existentes, criando novos instrumentos adequados a situações específicas, e depois é treinar, treinar, treinar... até conseguir o nível de refinamento necessário a tornar úteis os dados que se podem recolher. Se a princípio isto pode parecer complicado e até impossível de compatibilizar com as tarefas do professor, com o tempo se verificará que isto não é mais do que organizar, estruturar e sistematizar aquilo que qualquer professor naturalmente faz no seu quotidiano.

Enfim, é com este espírito de optimização do processo de ensino/aprendizagem que nos lançamos para a frente num aprofundamento e treino das técnicas de observação.

- . A Criança Diferente - Lisboa, GEP, 1987, 435 pp.
- . Estrela, Albano - Teoria e Prática de Observação de Classes.
Uma estratégia de formação de professores.
Lisboa, INIC, 1986, 2ª edição, 493 pp.
- . Nércia, Imídeo - Introdução à Supervisão Escolar. São Paulo,
Atlas, 1981, 4ª edição, 328 pp.
- . Postic, Marcel - Observação e Formação de Professores.
Coimbra, Liv. Almedina, 1979, 361 pp.
- . Raposo, Nicolau Vasconcelos - Estudos de Psicopedagogia.
Coimbra, Almedina 1983, 218 pp.

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA ESCOLAR

1987/88

Texto provisório para exclusiva circulação interna

Prof. A. FRANCO

O PLANO DA AULA

Saber planificar é, para L.Locke, uma das características dos professores eficazes. Muitos outros autores consideram o Plano como uma das variáveis mais importantes no processo do ensino-aprendizagem. Ao nível da instituição escolar a planificação das actividades docentes constitui quase uma exigência administrativa. Por outro lado durante muitos anos o Plano das aulas foi um dos focos didácticos obrigatórios nas escolas de formação de professores.

Mas ultimamente o Plano tornou-se uma questão controversa e, mesmo, secundária. Há quem diga ser ele um instrumento limitativo da espontaneidade do aluno e da liberdade do professor introduzir alterações, por vezes profundas, na orientação das suas aulas.

Na verdade, planificar, caiu em desuso e é até visto como prática retrógrada.

Do nosso ponto de vista as reservas existentes em relação ao Plano são tão injustificadas como prejudiciais a uma melhor qualidade de ensino.

Talvez que uma parte do desinteresse criado se deva aos investigadores educativos, não obstante reconhecerem que o Plano desempenha uma função meritória. Esta contradição explica-se, provavelmente, pelo facto de quase todos os estudos serem conduzidos em situações artificiais de ensino, isto é, fora do ambiente escolar natural. Nesses estudos o plano de ensino é confundido ou substituído pelo próprio plano da investigação, o que não vem a ser o mesmo, mas que o quadro experimental torna possível de acontecer. **Em situação real de ensino o Plano pode tornar-se inevitável mas, a inclusão de mais uma variável, cujo comportamento se desconhece por ausência de estudos suficientes, cria uma nova dificuldade metodológica que é preferível evitar.** Por isso os estudos sobre o Plano são, praticamente, inexistentes, man-

tendo-se um " ciclo vicioso " de detrioração da sua " imagem ".

É necessário, decididamente, reabilitar o Plano, se não no campo investigativo, no quadro pedagógico. De resto, o professor não goza o privilégio de poder manipular a realidade como se a escola fosse o laboratório do investigador. E as interações do real são bastante complexas, alcatórias e inconstantes para requerem, tão justificadamente como na investigação científica, de um cuidadoso plano de intervenção.

De um ponto vista mais lato o Plano é função universal do Homem pensante. Toda a relação humana é baseada nos critérios da inteligência onde as capacidades de previsão e de decisão são a marca do procedimento tencional. Nenhum organismo social dispensa a necessidade de um plano de acção.

Poderá o professor, face à complexidade educativa, dispensar o Plano ?

Uma das maneiras de minimizar tal complexidade, por vezes esmagadora, é, precisamente, tentar prever e organizar os acontecimentos pedagógicos, o que conduzirá à simplificação das dificuldades. Aliás, um dos " perigos " do Plano é, exactamente, a possibilidade da excessiva simplificação da realidade, tal como sucede na investigação pedagógica.

Planificar é pois, fundamentalmente, prever e organizar. E se isto não for feito a aula correrá ao sabor do acaso neutralizando quer a possibilidade do professor controlar ou gerir os acontecimentos, quer a necessidade dos alunos encontrarem um meio favorável às suas aprendizagens.

Mas o professor palmifica sempre, mesmo aquele que diz não o fazer. O Plano pode ser apenas mental, vago, grosseiro, copiado, feito uma vez e repetido sem conta, rotinado, insuficiente. Alguns detractores do Plano alegam não ser viável o esforço e o tempo para o escrever. Esses investimentos cansativos são, porém, indispensáveis para o principiante. Todavia, gradualmente e com a acumulação da experiência, tal labor torna-se menor até ao ponto de bastar um esboço gráfico ou uma reflexão relativamente breves que estão ao alcance de todos.

Postas de parte as dúvidas sobre a necessidade e a possibilidade do Plano, seria oportuno interrogarmo-nos quanto ao seu impacto noutras dimensões da aula.

De que modo agirá o Plano nas diferentes variáveis do contexto ?

- Qual a sua interferência nas decisões a tomar pelo professor no decorrer da aula ?
- A existência dum Plano poderá ou não facilitar a observação dos comportamentos na aula e a função de avaliação ?
- Quais os possíveis efeitos do Plano na melhoria das interacções entre o professor e os alunos e de aluno a aluno ?
- Que competências docentes poderá o Plano favorecer ?

Naturalmente que as respostas as estas e outras possíveis grandes Interrogações só poderão ser fornecidas por meio de estudos específicos e aprofundados.

Mas a experiência quotidiana basta-nos para nos fazer reconhecer muitas das vantagens dum Plano de aula bem elaborado, sobretudo se formos capazes de distinguir de entre as condições estáveis onde ocorre o ensino e as mudanças de comportamento dos alunos no final da aula, daquilo que possa ter resultado da função modeladora de previsão, organização e gestão pedagógica.

Eis -nos agora perante o problema da elaboração do Plano. Duas questões muito pragmáticas teremos de colocar, antes de mais :

- Prever e organizar o quê ?
- Prever e organizar, como ?

Em relação à primeira e no ponto em que vamos nesta disciplina não será difícil encontrar, digamos, os ingredientes requeridos à confecção dum Plano. Eles emergem dos seguintes capítulos já abordados: objectivos, estilos de ensino, actividades e tarefas de aprendizagem, dispositivos e meios materiais, gestão dos tempos de aula e avaliação. Designá-los-emos por ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO PLANO DE AULA. Atentemos neles sinteticamente.

- a) OBJECTIVOS DE ENSINO (colocação dos alvos da aula)
 - . selecção dos objectivos programáticos
 - . definição ou formulação dos objectivos seleccionados.
- b) ESTILOS DE ENSINO (direcção de ensino)
 - . escolha de um ou mais estilos de ensino mais favoráveis ao professor, à realização das tarefas dos alunos e à pressecussão dos objectivos.
- c) TAREFAS DE APRENDIZAGEM (elemento estrutura nuclear)
 - . concepção de actividades, de acordo com os estilos de ensino e que incluam as situações - problema que os alunos vão enfrentar

- e, mediante as quais os objectivos previstos possam ser alcançados:
- . boa caracterização das tarefas, individuais e colectivas, quanto ao significado, à natureza, à estrutura e à fase de aprendizagem.

d) DISPOSITIVOS MATERIAIS (caracterização das tarefas no espaço)

- . investigação, selecção, adaptação e disposição dos meios materiais que permitam pôr em marcha as tarefas nos seus diferentes momentos.
- . organização dos locais de trabalho (cobertos e descobertos) onde decorrem as tarefas.

e) GESTÃO TEMPORAL DA AULA (caracterização dos diversos tipos de intervenção do professor e dos alunos no tempo).

- . tempo programa: rotinas administrativas e preparação psicológica dos alunos.
- . tempo útil: intervenção inicial do professor na apresentação e instrução
 - . organização geral da aula com montagem dos diapositivos materiais.
 - . preparação funcional dos alunos para o início das tarefas.
- . tempo de prática efectiva: informações complementares
 - . transições obrigatórias entre tarefas e locais.
 - . tempo dos alunos na prática das tarefas (factor chave de aprendizagem)
 - . observação de comportamentos e interacções ("feed-backs" pedagógicos)
 - . controlo dos factores desviantes, reforços e manutenção do clima da aula
 - . avaliação dos alunos.

A supressão ou tendência para a enlatização de um destes elementos estruturais, por exemplo, revela, independentemente do modo como o Plano é feito, o tipo de pedagogia veiculada. É o caso de um professor que prevê um tempo excessivo para a apresentação da aula: provavelmente, trata-se de um docente muito magistral e que dá pouco espaço ao aluno.

Agora, debrucemo-nos um pouco sobre a outra grande questão posta:
" prever e organizar, como ? "

Uma das maiores dificuldades com que o planificador se depara logo de início é saber:

- a) Por qual dos elemntos estruturais começar ?

Há a ideia muito generalizada de se começar pelos objectivos, conforme uma certa lógica sequencial (a chamada " pedagogia por objectivos" veicula isto). Admitimos que este modo de proceder possa ter interesse face a um programa de ensino muito específico, com estrutura de natureza disciplinar, como sucede no ensino secundário.

No ensino primário, todavia, o programa assume-se com um carácter interdisciplinar e, por vezes, global, ou o docente funciona nestes conceitos, especialmente na 1ª fase de escolaridade, tal como no ensino infantil.

Aqui, apesar da maior complexidade do processo de ensino - aprendizagem, as soluções são mais vastas. É possível começar pelos materiais, pelos locais, pelos objectivos, pelas tarefas e até pelo estilo do ensino. Isto mesmo é inerente à natureza interdisciplinar ou global do ensino, como tivemos ocasião de referir quando tratamos destes conceitos pedagógicos.

b) Como encarar os elementos estruturais?

Esta possível dificuldade é daquelas que só a experiência pode ensinar. Suponhamos que iniciamos a confecção do Plano por uma actividade que comporta a tarefas:

- . depois de esquematizarmos com muita clareza as tarefas e de determinarmos bem as suas características,
- . passaremos, por exemplo, a imaginar as necessidades possíveis de espaço e de material para as realizar, e o modo de organizá-las.
- . destacaremos das tarefas os seus objectivos e compará-los-emos com aqueles que no programa lhes possam corresponder, formulando-os em termos tais que sejam acessíveis à compreensão dos alunos.
- . pensaremos, depois, nas modalidades de realização que possam mostrar as aprendizagens realizadas, para a avaliação dos alunos, (como, por exemplo, os critérios do êxito).
- . centrar-nos-emos de seguida em nós mesmos, no nosso ensino; reveremos mentalmente os estilos de ensino para concluir qual ou quais deles se adaptam melhor ao ensino nessas tarefas; ensaiemos a apresentação, a forma de testar a sua compreensão por parte dos alunos; vislumbremos as necessidades de transição entre as tarefas, etc...
- . imaginaremos de seguida qual o tempo a dar aos alunos para as suas tarefas e a avaliação delas (sem regateá-lo); o tempo

necessário à sua organização, lançamento; e transições; o tempo que pensamos dedicar aos "feed-backs" pedagógicos; os possíveis tempos mortos...

- finalmente dividamos o tempo sobrando para as restantes funções; apresentação/instrução, reforços colectivos, comportamos de desvio, observação, etc...; façamos uma revisão e reajustamentos úteis e escrevamos o Plano, de for necessário.

Este hipotético Plano não é, longe disso, um exemplo, um modelo. Podemos questioná-lo quanto, aos elementos estruturais incluídos, ao tipo de pedagogia que poderá revelar, ao equilíbrio teórico entre cada componente, etc. Mas só depois da aula dada, será legítimo fazer um juízo. E tal julgamento não deverá ser feito na base da coincidência, mas no sucesso dos alunos e na repercussão que o Plano teve no êxito, afinal, pedagógico.

Efectivamente, não há modelos de Plano, nas concepções pedagógicas e empenhamentos profissionais diferentes. Cada professor tem uma concepção própria que merece ser reconhecida.

Mas há bases comuns e já vimos algumas. Outras existem, nomeadamente as que relacionam com determinados conteúdos específicos, a abordar noutras disciplinas desta Escola.

No semestre seguinte destinaremos um suficiente espaço aplicativo, dedicado ao modo como encadear os elementos estruturais.

Por agora e tendo em vista a Prática Pedagógica IV, julgamos ser suficiente mostrarem como competências no Plano a capacidade de incluir os referidos elementos estruturais de forma equilibrada, evidenciado uma pedagogia que privilegie o tempo de prática efectiva das crianças nas tarefas propostas, uma boa organização dos materiais e do espaço, o uso sofrível dos "feed-backs" pedagógicos e a formulação correcta dos objectivos.

ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA ESCOLAR

4º SEMESTRE - 1988

- Programas do Ensino Primário 1980
- Metodologia do Ensino
- Serviço de Educação
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Adaptação

OBJECTIVOS EDUCACIONAIS E AVALIAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

" O principal fim do ensino é modificar o comportamento dos alunos numa determinada direcção . O comportamento referido deverá abranger as esferas intelectual, emocional e física.

A direcção pretendida é expressa pelos objectivos educacionais (o.e.) estabelecidos pelas entidades responsáveis pelo ensino.

A avaliação é o processo pelo qual se determina se esses objectivos foram ou não atingidos. Por vezes não se reconhece a interdependência que deverá existir entre o ensino, a aprendizagem e a avaliação".

2. DEF. NIÇÃO DOS OBJECTIVOS EDUCACIONAIS

2.1. Objectivos educacionais como metas de aprendizagem (m.a.)

Os o.e. são muitas vezes definidos em termos do comportamento do professor. Vejamos o exemplo seguinte:

" Explicar aos alunos o ciclo da água "

Definido desta forma o objectivo:

- Foca a atenção na actividade do professor;
- Não estabelece as m.a. a atingir pelos alunos;
- O Objectivo considera-se atingido quando cessa a explicação do professor , tenham os alunos ou não aprendido algo no fim do processo.

Um modo mais útil consiste em estabelecer os objectivos em termos dos resultados que esperamos do nosso ensino.

Assim:

- " Identifica os estados da água na Natureza ";
- " Distingue entre estado sólido, líquido e gasoso ";
- " Relaciona os estados da água com o seu ciclo na Natureza ";

Quando os objectivos são assim estabelecidos focam a atenção no aluno e nos tipos de comportamento que se esperam.

Nos dois exemplos apresentados a seguir um deles é estabelecido em termos do comportamento do professor, outro em termos de resultados da aprendizagem que esperamos sejam atingidos pelos alunos:

- a) " Interessa o aluno no reconhecimento dos membros da comunidade escolar ";
- b) " Identifica os membros da comunidade escolar ".

Qual deles está definido em termos de comportamento do aluno ?

É claro que é o segundo. Começa por um verbo que implica uma actividade do aluno.

Os o.e. devem pois ser definidos como metas para as quais queremos que os alunos caminhem.

Aluno	-----	Processo Ensino-Aprendizagem	--	Metas de aprendizagem
		(experiências baseadas na inter- acção entre a matéria, os méto- dos de ensino e os materiais)		(Produtos finais)

As experiências de ensino não são fins em si mesmas mas os meios utilizados para atingir as m.a.

A matéria a dar, os métodos de ensino e os materiais usados são as ferramentas usadas para se atingirem as metas de ensino desejadas.

Por vezes confundem-se o processo e o produto de ensino quando se estabelecem o.e.

- a) "Desenvolve a expressão oral;"
- b) "Relata, oralmente, um facto observado."

O termo desenvolve mostra que se trata de um processo. Estabelecer o.e. em termos de processo é um erro, pois uma única experiência de aprendizagem pode contribuir para várias metas de aprendizagem e uma única meta pode ser resultado de diversas experiências de aprendizagem.

Devemos pois definir os o.e. como metas de aprendizagem porque:

- a) Dão orientação ao professor e mostram claramente a outras pessoas quais as suas intenções;
- b) Servem de guia de selecção da matéria, dos métodos de ensino e dos materiais a usar;
- c) Permitem uma melhor construção de testes e de outros instrumentos de avaliação do aproveitamento do aluno.

2.2. Estabelecimento dos objectivos de ensino como metas de aprendizagem.

Há duas maneiras de estabelecer objectivos como metas de aprendizagem :

Uma delas é estabelecer uma lista de comportamentos específicos que os alunos deverão mostrar no fim de determinado período.

Exemplo:

- a) " Identifica meios de comunicação social ";
- b) " Selecciona os meios de comunicação social que informam através da palavra escrita e da gravura ";
- c) " Identifica os jornais publicados na localidade ".

Um outro método é estabelecer primeiro os objectivos gerais e clarificar cada objectivo geral através de uma lista de comportamentos específicos que julgamos significativos.

Exemplo:

Objectivo Geral

" Compreende a importância dos meios de comunicação social "

Comportamentos Específicos:

- a) " Identifica meios de comunicação social ";
- b) " Selecciona os meios de comunicação social que informam através da palavra escrita e da gravura ";
- c) " Identifica os jornais publicados na localidade ".

Os enunciados dos comportamentos específicos são os mesmos em cada caso.

A primeira lista implica que esses comportamentos sejam fins em si mesmos e o ensino deve ser dirigido para eles.

O estabelecimento de um objectivo geral seguido da clarificação por uma lista de comportamentos específicos é um procedimento que difere do primeiro por torna claro que o objectivo é compreender e não " identificar " ou " seleccionar ". Estes comportamentos são simples amostras de tipos de execução que mostram ter havido compreensão. Qualquer outra amostra podia ter servido tão bem como esta.

Considerando ainda o mesmo objectivo geral, a lista de comportamentos específicos podia ser a seguinte:

- a) " Identifica o telefone como meio de comunicação à distância ";
- b) " Demonstra como se consulta uma lista telefónica ";
- c) " Estabelece comunicação, através do telefone, com um amigo distante ".

Também aqui as metas de aprendizagem servem, apenas, como amostras dos tipos de comportamentos que consideramos significativos para atingir o objectivo geral. O ensino deve pois ser dirigido para os objectivos gerais. No exemplo apresentado a avaliação deverá recair na compreensão.

A questões a por num teste de avaliação terão que ser dirigidas para a compreensão e não para a memorização .

3- ESTABELECIMENTO DE OBJECTIVOS EDUCACIONAIS GERAIS

O primeiro passo é estabelecer as metas gerais de ensino que esperamos alcançar pela nossa acção. Estes objectivos têm que ser definidos de forma a que tenham um grau de generalidade satisfatório. Nem demasiado abrangentes, nem muito especificados.

3.1. Erros a evitar no estabelecimento de objectivos gerais.

3.1.1. Um dos erros mais comuns é descrever o comportamento do professor em vez do comportamento dos alunos.

Exemplo:

- a) " Compreende a leitura de textos ";
- b) " Desenvolver a capacidade de leitura de textos ".

O primeiro enunciado contém uma meta de aprendizagem esperada; o segundo dá-nos uma imagem menos clara dos resultados pretendidos e, além disso, dá a ideia que é o professor, mais que o aluno que vai desenvolver a capacidade de leitura.

3.1.2. Outro erro comum é o estabelecimento dos o.g. em função do processo de ensino em vez de em termos de produto de ensino.

Exemplo:

- a) " Adquir conhecimentos de regras ortográficas ";
- b) " Aplica regras ortográficas a novas frases ".

O segundo enunciado indica claramente o que o aluno deve fazer no fim do ensino.

No primeiro dá mais ênfase ao ganho de conhecimentos (processo) do que ao tipo de comportamento esperado.

Termos como ganhar, adquirir, desenvolver indicam que um objectivo está mais centrado no processo de ensino.

3.1.3. Outro erro comum é incluir mais do que um tipo de m.a. em cada objectivo.

Exemplo:

- a) " Conhece regras de segurança ".
- b) " Conhece e aplica regras de segurança ".

O segundo enunciado inclui "conhecer" e "aplicar" como possíveis metas. É preferível escrever um enunciado para cada meta, pois os alunos podem conhecer regras de segurança e não saber aplicá-las. Com enunciados separados podem definir-se comportamentos específicos para cada meta e verificar se cada objectivo foi atingido.

Resumindo, pode dizer-se que os erros mais comuns consistem no estabelecimento de objectivos em termos de :

- actuação do professor;
- o processo de aprendizagem;
- a matéria;
- uma combinação de duas ou mais metas no mesmo enunciado.

3.2. Escolha de nível adequado de generalidade.

Vejamos alguns exemplos de enunciados que ilustram o problema da selecção de um nível apropriado de generalidade. Qual dos três objectivos seguintes representa um maior nível de generalidade? Qual dos três é o mais específico!

- a) " Comunica situações vividas ";
- b) " Comunica por escrito uma situação vivida ";
- c) " Faz a devida pontuação às frases ".

O primeiro enunciado representa o objectivo mais geral. Na realidade demasiado geral pois abrange a comunicação verbal e não verbal.

O enunciado mais específico é o terceiro, que poderia ser um bom enunciado de um comportamento específico representativo de um objectivo mais geral, mas é talvez demasiado específico para ser usado ele próprio como objectivo geral.

O segundo enunciado é o que está mais perto do nível de generalidade desejada. Indica claramente a natureza geral da meta aprendizagem esperada e pode ser definido por uma lista curta e clara de comportamentos específicos.

Devem usar-se as seguintes sugestões como orientação para a definição de objectivos gerais de ensino:

- Começar cada objectivo geral com um verbo (sabe, compreende, aprecia, etc. ;)
- estabelecer cada objectivo em termos de tarefa do aluno;
- estabelecer cada objectivo como um produto de aprendizagem ;
- estabelecer cada objectivo de tal modo que indique o comportamento terminal
- estabelecer cada objectivo de tal modo que inclua uma meta geral de aprendizagem ;
- estabelecer cada objectivo no nível adequado de generalidade.

4. ESTABELECIMENTO DE METAS ESPECIFICAS DE APRENDIZAGEM EM TERMOS DE COMPORTAMENTO

O enunciado seguinte de um objectivo geral e da lista-amostra das metas específicas mostra qual o significado da definição de objectivos em termos de comportamento.

Exemplo:

Objectivo Geral "Conhece factos referentes à Formação de Portugal"

Objectivos comportamentais:

- a) "Identifica, no mapa, o condado Portucalense".
- b) "Descreve a acção de D. Afonso Henriques";
- c) "Indica, no mapa, os sucessivos alargamentos do território".

Cada meta específica de aprendizagem começa com um verbo que indica um comportamento observável.

Cada professor deve definir os seus objectivos com as metas específicas que julgar mais apropriadas. Os exemplos são apenas para mostrar o processo de enunciar as metas específicas em termos de comportamento observável:

Convém pois distinguir entre termos comportamentais e não comportamentais.

Exemplo:

- a) "Reconhece a importância da água na natureza";
"Explica a importância da água na natureza".

O segundo enunciado foi estabelecido em termos de comportamento. A palavra "explica" indica um comportamento definido e observável.

Quanto ao primeiro não especifica como pode o aluno demonstrar que reconhece a "importância da água na natureza".

Termos não comportamentais estão sujeitos a muitas interpretações e deverão ser evitados quando se estabelecem metas específicas de aprendizagem.

Não há regras rígidas quanto ao número de metas específicas que devem ser definidas.

O que se deve estabelecer é uma amostra razoavelmente representativa dos tipos de comportamentos que pensamos serem demonstrativas de que os alunos atingiram satisfatoriamente o objectivo geral pretendido. Isto varia com o assunto a ser ensinado e o nível a que o ensino é feito.

Resumindo, o procedimento a adoptar para definir objectivos de ensino em termos de comportamento deve incluir os seguintes passos:

- a) Estabelecer os objectivos gerais como metas de aprendizagem esperadas;
- b) Colocar sobre cada ob. g. uma lista de metas específicas de aprendizagem que descrevam o comportamento terminal que os alunos devem mostrar quando atingirem o objectivo geral;
- c) Começar cada meta específica com verbo que defina especificamente o comportamento observável ;
- d) Fazer uma lista de um número suficiente de metas de aprendizagem que descrevam adequadamente o comportamento dos alunos que atingirem o objectivo;
- e) Ter a certeza de que o comportamento em cada meta específica de aprendizagem é adequado ao objectivo geral definido ;
- f) Ter o cuidado de não omitir objectivos complexos (por ex., pensamento crítico apreciação) só porque é difícil defini-los em termos de comportamento;
- g) Consultar referências que ajudem a identificar tipos de comportamento como meios apropriados à definição de objectivos gerais complexos.

Um dos guias mais úteis na identificação e definição de o.e. é a "TAXONOMIA DE OBJECTIVOS EDUCACIONAIS" (Bloom 1956, Krathwohl, 1964)

A taxonomia está dividida em 3 partes;

- a) Domínio cognitivo;
- b) Domínio afectivo;
- c) Domínio psicomotor

- a) O domínio cognitivo inclui os objectivos que dão relevo às metas intelectuais como sejam memorização, compreensão e aptidões de pensamento;
- b) O domínio afectivo inclui os objectivos que realçam sentimentos e emoções como interesses, atitudes, apreciação e capacidade de adaptação;
- c) O domínio psicomotor inclui os objectivos que dão primazia às aptidões motoras, como caligrafia, dactilografia, natação e trabalho com máquinas.



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

EXEMPLOS DE PLANOS DE ACTIVIDADES FEITOS POR EDUCADORES DE INFÂNCIA

1. Actividade para crianças de 5 anos

Actividade - jogo de movimento
Material - bolas
Estratêgias - atirar a bola à parede
 correr livremente com a bola
 rolar a bola
Objectivos - desenvolver a motricidade
 " a lateralidade
 " as relações espço-tempo
Avaliação da actividade

2. Actividade para crianças de 4 anos

Actividade na área de Expressão Plástica - Digitinta
Estratêgia - digitinta confeccionada em grande grupo
Materiais - bacia com água
 farinha
 tinta, água
Objectivos - aprender a cor azul

3. Actividade para crianças de 5/6 anos

Actividade na área da Pintura
Objectivo - descoberta da mistura de cores
Máximo de 10 crianças por grupo
Materiais - cores: vermelho, azul e branco
 copos com água
 pincéis
 papéis
 copos vazios
Desenvolvimento - actividade com 3 cores,
 o que se pode descobrir com 3 cores,
 estes 3 tons, azul + branco
Avaliação